

A COMUNA

SEMÁRIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO #20 — AFRICA #25 — ESTRANGEIRO #40

N.º 33 (123) — 28-10-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Sobre o mesmo tema

No nosso editorial do número transacto sustentamos que a reacção só é possível na ausência da alma revolucionária e consciente do povo. E, de facto, assim é. Quando um povo se revolta, porque conserva, latente, no seu espírito, a grandeza do poder revolucionário, não há forças, *divinas* ou humanas, que a possam vencer ou dominar. Nesta altura é que a vontade do povo é soberana: sendo destruidora da ordem burguesa, é simultaneamente criadora da ordem (ou do termo) proletária.

Por os políticos de tódas as tendências terem combatido encarniadamente a alma revolucionária do povo, infiltrando-lhe, no cérebro, ideas reformistas de parlamentarismo e de colaboração de classes, é que foi possível aquela carnificaria europeia que produziu muitos milhões de vítimas e destruiu muitas riquezas sociais. Assim que os carrascos arreganharam os dentes, se uma grande parte da massa trabalhadora não estivesse suggestionada, hipnotizada, pela panacea político-parlamentar, temos a certeza absoluta que êsses carrascos seriam obrigados a fechar as mandíbulas e a esconder os dentes que, com tanta pressa, vieram mostrar uns aos outros.

Os esforços que os libertários do mundo inteiro empregaram, nesse momento, no sentido de agitar e insurreccionar as massas laboriosas e famintas, constituem o melhor documento que podemos apresentar àqueles que imbecilmente nos dizem que não somos indivíduos práticos. Aparte alguns trãnsfugas — que os há, infelizmente, em todos os campos e em tódas as ideas, movidos mais por um sentimentalismo piégas, quicá absurdo, do que por pruridos de patriotismo interesseiro, anódino, estúpido — os anarquistas

conservaram-se, sempre no seu posto de combate, não se decidindo por êste ou por aquele grupo de potências coligadas, por êste ou por aquele imperialismo capitalista ou financeiro.

Combatendo a guerra, porque lhe previam as conseqüências dolorosas, os anarquistas pregaram a insurreição popular e defenderam, com entusiasmo, a necessidade urgente de criar, no seio do povo, aquela alma revolucionária, aquela alma consciente que a sua larga visão do futuro ambiciona, alma que é a fatora dos empreendimentos heróicos e que teem, como corolário, a tam almejada Revolução Social.

E hoje, como ontem, ainda estão no mesmo campo. E hoje, como ontem, os anarquistas o que desejam ardentemente é que a alma revolucionária do povo se manifeste, é que a sua consciência não seja uma palavra ôca, vasia de sentido, antes seja um espírito innovador e criador, um espírito que se imponha a tódas as reacções, a tódas as tiranias, a tódas as arbitrariedades e a todos os despostismos, que sejam vermelhos, rubros, ou mesmo incolores.

* * *

Após a tremenda guerra europeia, começou a esboçar-se, nos diferentes países, uma tendência para o culto, intenso e arrebatado, das práticas violentas. Durante o conflito armado, as classes dominantes observaram, e, com elas, tódas as criaturas que ainda conservavam no seu íntimo uns resquícios de autoridade, que as frases do célebre Napoleão: *Deus coloca-se sempre do lado dos mais fortes, dos que possuem melhores canhões; e a força sobreleva todo o direito, por mais bem fundamentado que êle*

se nos afigure, apresentavam um cunho de verdade neste *maremagnum* que é a sociedade capitalista, cheia de horrores e de bandalheiras, de cinismo e de infâmias. E, de harmonia com o seu *pensamento*, principiaram a desenvolver essa prática, — o culto estúpido da violência — como a sùmula de tódas as teorias, como a finalidade prática de tódas as ideas.

Aqueles indivíduos que, por um princípio de preguiça mental, gramam tudo quanto lhes fala à besta, relegando para o monturo tudo aquilo que lhes fala à alma, ao coração, aceitaram, de bom grado, o postulado canibalesco da burguesia. E, muito naturalmente, chegaram à conclusão de que os burgueses eram lógicos, sendo preciso arrancar-lhes das mãos o bastão do mando, não para o destruir como seria próprio de criaturas esclarecidas que procurassem emancipar o género humano, mas para o entregar àqueles que são da sua tèmpera, da sua classe, isto é, àqueles que, substituindo os burgueses na sua missão pseudo-histórica, querem fazer do Estado um instrumento da chamada emancipação do proletariado!

Esquecendo lamentavelmente que o Estado não pôde, nem pode, nem poderá emancipar o género humano — visto que o Estado é a síntese pura da violência organizada, e a violência organizada há-de oprimir, tyrannizar, perseguir e assassinar a opposição revolucionária — ei-los a propagandear em todos os sentidos a Ditadura como método, como sistema, como finalidade social a que devem aspirar todos os trabalhadores, todos os explorados da burguesia endinheirada!

Assim, a propaganda da Ditadura, não é mais do que uma variante do sistema de violências apresentado, depois da guerra, pelas classes dominantes. Uma das provas mais características que podemos apresentar, é esta: analisando e comparando os efeitos da dita-

dura do proletariado na Rússia, com os efeitos da ditadura burguesa dos outros países, a conclusão a que chegamos é sempre a mesma: — opressão, tyrannia, arbitrio, torturas, deportações, presídios, fusilamentos! É que a prática da violência estatal não pode produzir outras coisas, dêem-lhe as voltas que lhe derem, e apresentem-na conforme a quiserem apresentar. O Estado impõe-se. O Estado quer que o respeitem. As suas leis e os seus decretos são muito claros e muito significativos...

* * *

Vistas assim as coisas, que é de facto, como elas apparecem àqueles que desapaixonadamente as querem vêr, impõe-se uma solução rápida para o grave problema que nos afecta. Essa solução, como não pode deixar de ser, só se encontrará, como dissemos, no culto da alma revolucionária consciente, das massas oprimidas, escravizadas, esmagadas ao pêsso dum trabalho exaustivo. Quem agir neste sentido? Cá nos encontram no nosso posto, porque, de resto, a nossa propaganda não tem outro fim. Há muitos anos que assim pensamos, e há muitos anos que assim procedemos. E os factos ainda não nos demonstraram que andassem enganados. Enganados, consciente ou inconscientemente, andam aqueles que nos criticam, e que sempre nos *criticaram*, porque não teem uma alma revolucionária, e porque se adaptam facilmente as circunstâncias, desde que a sua barriga cresça mais um bocado.

Repetimos: sem a alma consciente, revolucionária do povo, nada se pode fazer, no sentido da sua verdadeira emancipação. E levá-lo por caminhos tortuosos, despertando-lhe, no íntimo, a besta em vez do homem, é transformá-lo em carrasco dos seus irmãos, é fazê-lo esquecer o papel nobilitante que êle deve desempenhar na sociedade, para vêr simplesmente o seu egoísmo e o seu interês-

se individuais, em detrimento da grande, da imensa família humana que trabalha e que sofre, e que, por isso, tem o direito incontestável a um talher e a um lugar no banquete da vida, mas de onde o expulsam, sob a alta protecção do Estado, as classes dominadoras, as castas políticas e as oligarquias financeiras que são, como acabamos de ver, as fautoras da teoria estúpida da violência, como sistema e como método...

PARASITAS

II

O governante

Um homem acariola o povo, prometendo servi-lo bem. Um dia chega ao poder; e quando todo o povo julga que ele vai proceder à divisão das riquezas, ele nem por sombras pensa nisso. No que pensa é em adquirir riquezas para si e para os seus, e em associar os tiranos para dividir o povo. — CARLOS NODIER.

Ser improdutivo, estéril, parasita.

Autopsiada a tua consciência, desde o mais poderoso imperador ao mais ignorado regedor da mais insignificante freguesia, encontra-se sempre o mesmo rancor, o mesmo ódio, a mesma vaidade, o mesmo furor imperativo, a mesma glória de mandar, o mesmo cinismo, o mesmo lódo, as mesmas tórpes ambições.

Quer sejas rei, quer sejas presidente, ministro ou deputado monárquico, socialista ou republicano, não nos governas: — governas-te.

¿Que autoridade tens, ó ser infecundo, para te armares em mandão desta imensa mole trabalhadora, desta legião medonha e forte dos proletários? ¿Não és tú um homem, governante, de constituição igual à dos governados? ¿Não és tú, como eles, de carne e osso, fecundado e gerado da mesma forma, sujeito às mesmas ambições, aos mesmos crimes, às mesmas leis da natureza? ¿Não tem o teu corpo o mesmo epílogo?

¿Transformas-te talvez em rosas, meu histrão, enquanto os governados se transformam em couves ou em pepinos?

¿Irá a tua matéria fecundar ou alimentar as fôlhas dum cipreste, que a viração faz tremular, enquanto o proletário, o

governado, o teu semelhante irá, fecundar os espinhos dum cardo agreste? ¿E's mais bem formado moralmente? Duvido: — as falcaturas, roubos, guerras, desfalques, despotismos, violências, o negam.

Comediantel... ¿Em que és tú, pois, superior? ¿No intelecto? ... Mas, há entre a turba imensa dos dirigidos, dos carneiros, dos explorados, intelectos mais fortes, mais bem constituídos que o teu.

¿Donde te desce, então, o direito de legislar e de te impor aos teus iguais, de mandar nos homens, quando tu és homem também, de igual constituição física, moral e intelectual?

Tú sabe-lo: és um arlequim, um histrão que, a toques de dunduns políticos, de zabumbas patrioteiros, rufando com a tua eloquência no tambor da ignorância popular, vens, de há muitos séculos, representando sobre o palco das sociedades a farça mais ignóbil, mais imunda e mais vampírica.

Solícitos, governantes: malabaristas, ilusionistas, que saltimbancam sobre a carcassa miserável e explorada — mas sempre forte, mas sempre cheia de vida — da massa proletariana: — sois os homens conhecedores do mais rendoso «conto do vigário». Com a alavanca da política *levantais* mundo, nações. Com o talisman político descobris minas de ouro. Como o «vigarista» prometendo negócios rendosos, burlais as vossas vítimas, cantando ao seu ouvido palavras doces com que as adormeceis. Como a aranha encanta a mosca; como o pescador, com o auxílio da isca, atrai o peixe: assim, tú, governante, cantando-lhe a Portuguesa ou a Marselhesa, prometendo livrar-lhe os filhos, embalando-o na profética visão dum futuro onde impere a Liberdade, Igualdade e Fraternidade; assim tu, governante, suggestionando-o na promessa dum vida barata com o bacalhau a pataco, com a isca dum emprego público onde se viva sem trabalhar, em troca dos seus votos — consegues hipnotizar o Zé tanso, como tu lhe chamas e tripudiar sobre o seu esquelético couro, continuando a sugá-lo.

O Governante!

Ser improdutivo, estéril, parasita.

Pedrogam Grande.

PEDRO DAS NEVES.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.

À VENDA NESTA REDACÇÃO

Necessidade da propaganda anarquista

A publicação duma revista doutrinária e de crítica é duma utilidade manifesta no momento que decorre.

Estamos vivendo uma época de profundas transformações. As sociedades contemporâneas desorganizam-se e derruem lançando o mundo num caos formidável, que é o prenúncio duma ruína completa de todos os sistemas, de todos os costumes e de todos os preconceitos. O espírito humano acentua a sua evolução para uma moral mais elevada, e não se dispõe mais a aceitar o existente sem o criticar e discutir, exercendo assim uma acção demolidora que satisfaz a tendência dos indivíduos para um estado social mais perfeito.

A vida toma novos aspectos, que espantam ou desvairam os que se obstinam em não acompanhar o progresso, por possuírem o errado critério de haverem marcado definitivamente o seu lugar. A verificação deste facto dá-nos a certeza de que esses novos aspectos, em que se vislumbram maior beleza, mais harmonia, mais liberdade, influem nos indivíduos conforme o grau de mentalidade que eles tenham ascendido.

Para alguns idealistas, a transformação das ideias é um facto inaceitável; negam-no, pretendendo levemente limitar o pensamento humano em primitivas concepções. O resultado é funesto. Não tendo acompanhado o desenvolvimento espiritual da humanidade, esses indivíduos recuam insensivelmente, apesar de se julgarem sempre os mesmos; começando por transigir, acabam por abdicar, desorientados uns, falidos outros, em face das transformações que vimos observando.

Ora, os novos aspectos que a vida incessantemente está tomando, não se reúnem apenas na materialidade, mas vão difundir-se no que a vida tem de espiritual. Todos os dias, os homens nos patenteiam o desejo de imprimirem à vida mais arte, mais conforto e mais desafogo, mais inteligência e mais sentimento; e todo este movimento intenso se designa genericamente por *modernismo*.

A contestação das fórmulas sociais existentes trouxeram também ao livre-exame, problemas novos, cuja complexidade varia os aspectos; são estes aspectos que devem ser encara-

dos criteriosamente, inteligentemente, cuidando que a paixão sectarista não nos possua, porque tais problemas não somos, propriamente nós, quem os coloca; apenas poderemos considerá-los, quer na discussão, quer na crítica, problemas de *actualidade*.

Os anarquistas tem, portanto, um vasto trabalho de propaganda e de elucidação a realizar. Essa propaganda tem de ser adaptada teoricamente ao espírito moderno que tudo pretende demolir, e praticamente aos problemas que o momento actual nos coloca.

A nossa imprensa é deficiente, por isso tem de ser reforçada, à medida que o ambiente venha favorecendo, com novos elementos. O grupo *Claridade*, de Lisboa, pretende iniciar a publicação duma revista doutrinária e de crítica, cuja acção pertença a todos os anarquistas da região portuguesa. Com a publicação dessa revista se procuraria realizar o trabalho que apontamos como necessário, urgente mesmo, no momento que decorre.

Por intermédio da revista, será de muito maior facilidade, para os anarquistas, acompanhar de perto todos os acontecimentos no terreno das ideias, ao mesmo tempo que se intensificaria a propaganda no sentido mais inteligente e coordenado.

Esta iniciativa, tem já o apoio de numerosos anarquistas de Lisboa ou simpatizantes com o nosso ideal. A revista, que se pretende publicar muito brevemente, tem já o consentimento tácito para inserir no seu corpo de colaboração os nomes das melhores figuras do movimento anarquista e para a publicação, nas suas páginas, de vários trabalhos de carácter filosófico ou literário.

Todos os anarquistas de Lisboa se interessam pela publicação da revista, colaborando com o grupo *Claridade* vários elementos de valor reconhecido, para a consecução da iniciativa.

Só do apoio que os anarquistas dispensarem pode resultar o êxito da iniciativa que o grupo *Claridade* tomou. Toda a correspondência, pedido de esclarecimentos e envio de valores, poderá ser dirigida a David de Carvalho — Travessa da Agua da Flor, 16.1.º — Lisboa.

Porque não creio em Deus

Preço: 1\$00; pelo correio 1\$10
À VENDA NESTA REDACÇÃO

FRENTE ÚNICA?

Os camaradas Mário Azevedo e Bento da Cruz advogaram, por intermédio de *A Comuna*, a organização da frente única dos elementos socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas contra o fascismo que os reaccionários pretendem instaurar em Portugal.

Eu avalio as suas boas intenções de revolucionários, conscientes, pretendendo sempre dar o seu esforço em prol da emancipação da humanidade. Porém, reconheço que é prègar no deserto, porque tenho a previsão de que a frente única só será um facto, depois de sofrermos a dura pròva da reacção que se avizinha com o seu sinistro cortejo de prisões, assassinatos, deportações, etc.

Assim que todos os militantes sofreram os ímpetos da onda reaccionária, acabarão por abandonar o eterno comodismo, e outros deixarão de fazer a sua nefasta obra divisionista no seio do proletariado.

Se a frente única não se tem realizado a culpa não cabe aos anarquistas, mas sim a todos os que desconfederam os seus sindicatos, ou propositadamente se atrasam no pagamento das cotizações confederais para sabotar a C. G. T.

Soube há dias que houve, em Lisboa, alguns sindicatos que desde Março não pagavam à C. G. T. e puzeram em dia a sua cotização confederal, quando precisaram da assistência do Conselho Jurídico da C. G. T. para alguns dos seus associados que foram para as prisões da república, satisfazendo os desejos da Confederação Patronal.

E se eu fosse a descrever quais os causadores do enfraquecimento da organização proletária não chegavam as páginas deste periódico. ¿Será possível a frente única com estes indivíduos que não conhecem a responsabilidade moral que todos os militantes conscientes devem ter perante o proletariado e a organização sindicalista para esta ter a força e o prestígio necessários, para poder actuar durante a crise capitalista e precipitar a revolução?

Julgo impossível, neste momento, a frente única porque observo que o próprio partido comunista, que deveria, de preferência, recrutar os seus novos aderentes nas profissões liberais que não são assalariadas, para elaborar estatísticas e actuar na praça pública ao lado dos anarquistas e do proleta-

riado confederado, não tem feito outra coisa que não seja o esfacelamento da organização sindical.

Basta observar a atitude de certos comunistas durante o último congresso dos caixeiros, os quais exerceram a chamada «ditadura do proletariado»; e o mesmo sucederá com a classe dos ferroviários no seu próximo congresso corporativo, onde muitos dos seus militantes se apaixonam e lutam pela Internacional Moscovita, esquecendo-se da C. G. T., não digo já para lhe dar o impulso necessário, mas pagando sequer a cotização para a C. G. T. reaver alguns milhares de escudos que gastou com a propaganda pró-Conferência Inter-Sindical e Congresso ferroviário.

Contudo, reconheço que todos os anarquistas tem por dever não desanimar na luta com as contrariedades que diariamente recebemos da classe dominante, ou dos ex-militantes que, traíndo a sua missão, se deixaram arrastar pela lama da civilização capitalista, que continua a caminhar para o seu ocaso.

¿Frente única? Mas deve ser dentro da organização sindicalista confederada na C. G. T. para se opôr à Confederação Patronal.

Os homens que anelam a libertação da humanidade devem agrupar-se nos grupos anarquistas, os quais lutarão na praça pública ao lado do proletariado confederado e dos partidos políticos que desejem lutar contra o fascismo.

Na Alemanha, os revolucionários sindicalistas, anarquistas comunistas, socialistas tem constituído em cada bairro ou pequenas áreas uma milícia revolucionária de 100 homens para impedir o desenvolvimento do fascismo. Quando os reaccionários atentam contra a vida do operariado realizam prisões, assaltam as casas ou os sindicatos existentes na dita área, é dado o sinal de alarme e todos os revolucionários abandonam as suas ocupações para defender as vítimas do capitalismo.

E' para esta frente única que devemos convergir os nossos esforços não esquecendo desde já de constituir a caixa de solidariedade local para prestar o auxílio às vítimas da reacção burguesa.

Sabemos que o nosso ideal triunfará sobre todas as correntes autoritárias que impedem a libertação humana; no entanto não devemos esquecer a solidariedade que se deve prestar a todos os que almejam a conquista de mais pão e liberdade.

Não devemos imitar essa legião de revoltados inconscientes que desconhecendo a beleza do ideal anarquista que pode ser concebido por todos os cérebros desempoeirados embora libertos do salariato, só consideram anarquistas aqueles que mais sofrem as desigualdades sociais e que não possuem o pão necessário para a sua alimentação.

O fascismo que desponta no seio do militarismo, acaudilhado pelos Raul Esteves, João Almeida, Ferreira do Amaral, Maia, Homem Cristo e todos os poltrões de farda, não nos deve intimidar, mas apenas servir-nos de incentivo a fazermos uma acérrima propaganda antimilitarista nos quarteis, para quando os servos do capitalismo chamarem os soldados à revolta em prol dos privilégios da burguesia, os nossos irmãos fardados terem a compreensão do papel que tem a desempenhar ao lado do proletariado e saibam dar uma verdadeira lição de moral aos seus verdugos.

J. G. PEREIRA.

A ditadura espanhola

A ditadura militar, imposta por Primo da Rivera a toda a Espanha, tem provocado, nas fileiras do proletariado consciente, as maiores infâmias e as maiores patifarias. Assim, as prisões dêesse país reaccionário, jesuítico e militarão, regorgitam de criaturas que a má fê e a velhacaria dos dirigentes votou ao ostracismo. Segundo *La Antorcha*, as violências exercidas contra os comunistas, contra os sindicalistas e contra os anarquistas, não tem classificação possível. Quem não concordar com a ditadura, é acossado como fera. Porque a ditadura é cega e surda, e só pode manter-se através do terror. Impõe-se, portanto, o protesto universal dos homens de pensamento, afim de arrancar às garras dos tigres as vítimas que eles pretendem imolar à sua soberba, ao seu orgulho e à sua vaidade...

PRÓ-PRESOS

por QUESTÕES SOCIÁIS

Transporte.	345\$70
Pôrto:	
Um carteiro.	3\$00
Abercrave (Inglaterra):	
Grupo Ferrer	51\$17
A transportar.	399\$87

M. H.

Do que se sabe

UM ROTHSCHILD QUE SE FOI

Alguns dos leitores, supondo que tenho alguns, não de ter pôr inútil o que hoje lhe conto do que se sabe, porque me entretenho a falar-lhe da vida de um de uma família de ricos. Pois se algum leitor houver que tenha isto por inútil, há-de-me desculpar se lhe digo que não estou de acôrdo. E por isto: a nossa missão não é só proclamar as belezas de uma sociedade que havemos de fazer triunfar: é também necessário, para que consigamos adeptos, denunciar, mostrar sempre as flagrantes desigualdades económicas na vida dos homens.

Pois tenho a dizer-lhes hoje que um da família Rothschild se foi, quero dizer, se suicidou. Que um dos filhos dessa exploradora família de judeus-milionários houve por bem cortar o pescoço com uma navalha, talvez porque achasse pesado o leve fardo de levar a vida a gosar e a dissipar o suor dos outros.

Ora êste caso, que em si não faz com que o mundo deixe de mover-se, sugere-me duas linhas de opinião: O facto de um rico «se ir», êle próprio, o facto de um burguês ser liquidado ou um patrão desaparecer de entre os vivos, o facto ainda de um imperador, um rei ou um presidente ser derrubado do seu pedestal, nada adianta para a transformação social para que é preciso preparar os homens e fazer triunfar na terra.

Morre um, outro fica; vai-se um, outro vem; derrubam um, outro é alcandorado, e disto se não passa, como que a mostrar que o mal dos homens não está aliviado lá porque deixou de existir um que vivia à custa dos outros.

As gazetas publicaram telegrama e noticiário de se ter suicidado Nathaniel Charles Rothschild, e verificou-se que o mundo não sofreu abalo, continuando outros a tarefa de explorar e sangrar os que são a seiva da grande família humana.

Mas coisa diferente sucederá no dia em que os que trabalham se dispozerem a fazer trabalhar os que sempre viveram de fazer trabalhar os outros, ou pelo menos quando os trabalhadores criarem a sociedade em que não seja possível a exploração do homem pelo homem.

Apontamentos...

A condenação à morte que o tribunal militar de Espanha pronunciou contra Pedro Mateu e Luís Nicoláu, representa o triunfo dos instintos inquisitoriais que sempre caracterizaram os indivíduos encarregados de ministrar a justiça no país vizinho.

A Espanha sempre foi um país de penas-de-morte. E isto compreende-se muito bem, desde que nos recordemos que, das mais remotas éras até nossos dias, as ideas fradescas, jesuíticas, reacionárias, nunca deixaram em paz aquele solo tam exuberante.

Carlos Malato afirmou, outro dia, que a Espanha era uma nacionalidade onde o «hissope orientava e dirigia a espada». Efectivamente: hoje, como ontem, o que se tem visto, tem sido isso. O hissope manda; a espada obedece.

Já quando foi do caso Ferrer, gastaram-se toneladas de papel e de tinta, para se demonstrar ao mundo inteiro toda a hediondez das criaturas que se encontravam à frente da governação pública espanhola. Abriu-se a história e sacaram-se dela exemplos friantes para comprovar a maldade e a ignomínia de todos os indivíduos que se tinham sentado nas cadeiras do poder. O que se disse, então, causou calafrios. A Espanha oficial, apreciada por esse lado era a portadora do verdadeiro canibalismo humano.

Pois bem: apesar disso, apesar de todos os ataques, a Espanha de hoje em nada se diferencia da Espanha de ontem. Os mesmos processos usados para com Ferrer, para com Ibarra, para com Mata e para com tantos outros cuja lista seria interminável, usaram-se agora para com essas duas vítimas que a sanha implacável e feroz dos modernos inquisidores aponta como os assassinos de Dato, mas que a consciência humana vê nitidamente como dois inocentes atirados às feras!

Sim! Mateu e Nicoláu são duas vítimas do ódio e do rancor dos homens que pontificam na Espanha. Durante o decorrer das audiências, provou-se dum modo que não admitia a menor dúvida que eles estavam inocentes do crime que lhe imputavam. Que, nesse crime, não tinham

tido a menor interferência. Também, durante o julgamento de Ferrer se provou que ele estava inocente. Galcerán demonstrou até à saciedade que o seu constituinte era uma vítima das infâmias jesuíticas. E, como os acusados de agora, foi condenado à morte. E' que, na Espanha, não há juizes: há verdugos; não há sentimento: há vingança; não há justiça: há ferocidade; não há direitos: há canibalismo.

Assim, o caso de ontem, repetiu-se hoje, mas repetiu-se ainda com mais falta de pudor, com mais descaramento. A ditadura militar, como todas as ditaduras, quis mostrar que governava com mão de ferro. E entendeu que não devia atender a nenhuma consideração, fosse de que espécie fosse.

Perante a inocência dos acusados mostrou-se duma animalidade grosseiríssima. Sorriu-se. Acima das razões, acima dos argumentos, acima das provas incontestáveis estava o seu querer, a sua vontade onnipotente, açulados pela farda negra do jesuitismo.

Nicoláu e Mateu tinham, pois, de ser condenados à morte. E foram. Os advogados recorreram da sentença. Será trabalho baldado? Veremos. Mas, enquanto esperamos, é necessário erguer a nossa voz de protesto, afim de arrancarmos às mãos dos verdugos estas duas vítimas inocentes.

Abaixo a inquisição espanhola!

Abaixo a ditadura militar!

Glória às vítimas inocentes!

PEDRO GUIMARÃES.

O desarmamento

A França oficial foi uma das fadoras da idea do desarmamento. Ora vejam, como na prática, é o procedimento dela:

«Chalonesur-Saone—As usinas do Peit-Creusot, que já estão a construir dois submersíveis o *Circé* e o *Calypso*, acabam de receber uma nova encomenda de mais dois submarinos, de 600 toneladas cada um, e que hão-de ser entregues à marinha de guerra francesa, nos princípios de 1925.»

Eis o que é o desarmamento proposto pela burguesia nos seus congressos e nos seus paramentos...

A FAVOR DE "A COMUNA,"

Dos nossos camaradas, António Alves Pereira e António Costa, de Fall River Mass, recebemos, esta semana, uma carta de incitamento à nossa obra em prol da anarquia, carta que vinha acompanhada dum cheque de 21,55 dólares, produto duma subscrição aberta, por eles, entre os nossos camaradas daquela cidade americana e que se destina a extinguir o déficit da *Comuna*.

Estes incitamentos, vindos de quem tam longe está de nós, enchem-nos de orgulho, porque vemos, nitidamente, que, apesar das fronteiras, o pensamento anarquista é, em toda a parte, o mesmo, encontrando-se, os indivíduos que abraçam as ideas da emancipação social, sempre ao lado uns dos outros.

Salientando este facto digno de aplauso, aqui deixamos consignados, tanto aos dois citados camaradas como a todos os que contribuíram para a subscrição, a expressão sincera dos nossos agradecimentos. E que nunca se esqueçam de nós, tais são os nossos mais ardentes desejos.

* * *

A seguir publicamos os nomes dos subscriptores e as importâncias com que contribuíram:

António Alves Pereira	2.50	Transporte—dólares	11.80
António da Costa	2.50	Nóbrega	10
Miguel Borges	25	Luís Medeiros	10
José António de Sousa	50	José de Campos	50
J. N. Graça	50	António M. Coelho	25
António Baptista	1.00	José Borges Pereira	1.00
José B. Silva	25	Joaquim Souza Carreira	2.50
Graciano Nunes	10	Luís Marques	30
José J. Souza	50	Eurico Nunes Alves	1.00
Joaquim Lopes Carreira	25	Amigo	1.00
Júlio da Costa	1.00	Anónimo	1.00
João Leite	25	Um imigrante	50
João Carvalho	25	Um simpatisador	25
João Oliveira	10	Um sem pátria	25
D. Teixeira	50	Norberto Saraiva	50
Francisco Ferreira	50	Júlio César	15
António L. Pereira	25	J. Tomé	10
Joaquim Alves	50	F. S.	25
Perú	10		
		A transportar—dólares	11.80
		Total—dólares	21.55

De Abercrave (Inglaterra), recebemos, também, uma carta, acompanhada dum cheque de 25 xelins, que nos foram enviados pelo grupo anarquista «Ferrer». Este Grupo, que já conta muitos anos de existência, tem auxiliado todas as iniciativas libertárias, desenvolvendo, a par disso, uma intensa propaganda anarquista. Saudando-o, aqui lhe deixamos bem patente o nosso agradecimento pela lembrança que tiveram, ao ajudarem moral e materialmente a nossa obra.

Os 25 xelins, que renderam 141\$17, foram assim distribuídos:

70\$00 para a *Comuna*; 51\$17 para os presos por questões sociais; e 20\$00 para o Nunes Canha.

Páginas da História

ENSINAMENTOS DO TERROR

No movimento operário dos Estados Unidos, há um trágico período, que a classe patronal do mundo inteiro devia conhecer. Esse período é o período do terror que durou, aproximadamente, de 1860 a 1876, e, durante o qual, morreram, de morte violenta, inúmeros patrões. Nunca foi possível encontrar os «matadores». Apenas se sabia, ou se suspeitava, que eles pertenciam a uma sociedade secreta que se denominava *Molly Maguires*. Que significa esta sociedade terrorista?

A luta entre operários e patrões assumia, nos Estados Unidos, uma forma cada vez mais aguda e mais enérgica. Os sindicatos operários adquiriam, de dia para dia, maior poder e firmeza. A sua organização fortalecia-se a olhos vistos; e as vitórias, resultantes dessa organização, não tinham conta. Alarmados com o facto, os patrões começaram, então, com a sua estratégia desleal e desumana, recorrendo ao encerramento das fábricas, às listas negras e às perseguições legais. O Estado capitalista e os seus órgãos — os tribunais, secundaram afincadamente a campanha da classe patronal. Era necessário «dar batalha» até destruir por completo os sindicatos operários. E, coisa curiosa, a linguagem dos patrões espanhóis, em 1919, parece um plágio da linguagem dos patrões norte-americanos da época indicada. É que, por enigma das diferenças de tempo, de raça e de idioma, os homens coincidem nos seus apetites e torpezas, e, portanto, na sua linguagem e nos seus actos.

A batalha, com efeito, foi feroz para os patrões. Os sindicatos operários desmantelaram-se. A vitória aparente não podia ser mais rotunda. Mas o sentimento de justiça e o anhelô de melhores condições de existência que moviam os homens, não podiam desaparecer com o desmantelamento dos sindicatos. Subsistiram latentes na alma proletária, porque há móveis de acção eternos; e, quando uma arma se torna estéril, procura-se logo outra mais eficaz. O sindicato público tornou-se numa arma inútil; então, o operariado recorreu às sociedades secretas, com os seus juramentos, com o seu *santo e senha* e com os seus apertos de mão convencionais, exactamen-

te como nas sociedades maçónicas. A luta franca e respeitosa, transformou-se em luta subterrânea e mortífera. E bem depressa começaram os patrões a recolher os frutos da sua vitória, da sua vitória à laia de Pirrho.

De todas as sociedades secretas que se fundaram, a mais temida foi a dos *Molly Maguires*.

Havia, nas regiões carboníferas dos Estados Unidos, uma Antiga Ordem dos Hiberneses (nome primitivo dos irlandeses) transplantada da própria Irlanda, e onde funcionava, há muito tempo, como arma de defesa contra a avareza e contra a crueldade dos grandes senhores da terra; na república norte-americana, os inimigos dessa organização eram os novos barões, ou seja, os donos do sub-solo — os proprietários das minas.

Os membros desta sociedade eram gente aguerrida, afeita a todas as formas de acção social, arrojada, muitas vezes fora da lei e contra a lei — a injusta lei de classes. Dentro desta Ordem dos Hiberneses havia um círculo secreto que a orientava — era o círculo dos *Molly Maguires*, como recordação da ordem secreta irlandesa deste nome. A análogas causas, análogos efeitos: a perseguição na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos tinha produzido as mesmas conseqüências: o ocultamento defensivo e o terror ofensivo.

Os *Molly Maguires* alcançaram uma organização formidável que se estendeu do Atlântico ao Pacífico, e do México ao Maine: cre-se que, em conjunto, havia umas seis mil *lojas locais*, que, de vez em quando, intervinham na política, sendo, em muitas partes, factores predominantes. Mas a sua tática principal era a acção directa e violenta contra os proprietários das minas, ou *bosses*. Os seus actos tinham mais o character de castigos pessoais do que outro qualquer, e variavam desde os maus tratos e da destruição de bens até à pena de morte; esta última forma era a mais comum. Rara vez um patrão era morto por operários da mesma localidade: geralmente avisavam-se os agrupados doutra loja, situada em localidade distinta para executarem o tirano; assim, a captura ou as provas

de culpabilidade eram mais difíceis de obter.

...

Mas, não é a tática dos *Molly Maguires* o que nos interessa agora; o que queremos fazer salientar são as causas da sua existência.

Em primeiro lugar, como vimos, foi a perseguição patronal que, destruindo os sindicatos públicos, determinou a fundação de grupos e sociedades secretas. Em segundo lugar podemos observar que os actos dos *Molly Maguires* tinham uma relação directa com o grau oscilante de pobreza a que sujeitavam os indivíduos, não é segundo o estado económico geral como segundo a repressão dos patrões. Assim quando os patrões perseguiram os mineiros, os actos de violência eram mais duros e mais frequentes. Segundo um jornal da época, só no condado de Schuylkill foram assassinados, de 1863 a 1867, cinquenta patrões. Mas, entre 1868 e 1871 não houve nenhum assassinato, porque a organização operária ganhou, de novo, uma força momentânea, chegando os patrões e os operários a um acôrdo.

Em 1871, voltam, à liça, os assassínatos. E, depois da grande greve que durou de Dezembro de 1874 até Junho de 1875, sobreveio, como então se chamou, uma «onda de crime», que pasou, como uma epidemia, sobre as regiões carboníferas.

...

Ao cabo de dois anos, a classe patronal norte-americana venceu-se de que tinha cometido um erro muito grave, quando pensou em esmagar as organizações operárias. Ao levar à prática o seu intento, atirou os indivíduos para fora da lei — e era, portanto, contra ela e contra os seus fazedores e executores que os operários manobravam. A classe burguesa e patronal tinha-lhes proibido o uso das armas lícitas: a discussão e os contratos; e os trabalhadores recorreram às armas ilícitas; negou-lhes o direito de associação pública e legal, e eles, desesperados, refugiaram-se nas sociedades secretas; não quiseram ouvir as suas vozes de reclamação justíssima, e eles tiveram que fazer-se escutar a tiros e a punhaladas. Os patrões pagaram a sua tática de violências com grandes juros.

Por fim, rectificaram a sua conduta; e, longe de quererem continuar na sua mania de extinguir os sindicatos operários,

persuadiram-se da conveniência de que surgissem à luz do dia os grupos que se tinham ocultado, consolidando-se aqueles que ainda restavam públicos; para discutir pacientemente com eles, em vez de prolongarem um bárbaro estado de natureza.

Assim, a ordem secreta dos Cavaleiros do Trabalho, pôde converter-se em associação operária pública um pouco depois da desapareção dos *Molly Maguires*. É que, ao cabo de quinze anos de fracasso duma tática injusta e contraproducente, os patrões norte-americanos viram que era impossível deter o proletariado na sua marcha ascensional e vitoriosa para uma sociedade mais justa, mais equitativa e mais humana...

LUÍS ARAQUISTÁIN.

Pró-Mineiros

A' malvadez e intuitos criminosos da gerência das minas de S. Pedro da Cova, devem responder todos os Anarquistas, todos os sindicalistas, todos os trabalhadores, e todos os homens de bem, com a mais estreita solidariedade aos grevistas mineiros, proporcionando-lhes os recursos monetários para eles prosseguirem na sua luta tenaz e justa contra os usurpadores do direito á vida.

A solidariedade bem compreendida e por todos praticada, é, a par da mais elevada concepção do sentimento humano, a mais formidável das armas para a vitória das lutas dos escravizados contra o capital.

Praticá-la, pois, é um dever.

Pró-viúvas e filhos das vitimas da explosão das ANTAS

Transporte. 18\$50

Porto:

António J. Soares . 4\$90

Um carteiro . . . 2\$00

A transportar. 25\$40

No Centro C. Libertário

Conforme os jornais anunciaram, realizou-se, na penúltima sexta-feira, uma conferência de carácter social, sendo conferente o nosso camarada Cristiano Lima, redactor de *A Batalha*, que, de passagem por esta cidade, nós quis dar o praser da sua visita, e dizer-nos, ao mesmo tempo, alguma coisa daquilo que tem estudado sobre os problemas que, neste momento agitam os povos. A conferência — ou palestra social, como o conferente lhe chamou — realizou-se nas salas do Centro Comunista Libertário.

Eram quase 21 e meia horas, quando o nosso camarada Lucena, subindo ao estrado apresentou, ao auditório, o conferente, «um moço cheio de vida, de entusiasmo e de fé no triunfo do ideal anarquista». Ele iria dizer a todos os ouvintes aquilo que sintetizava a verdade, despidida de floreios retóricos, porque os anarquistas apresentam sempre às massas escravizadas o caminho da sua emancipação, sem se preocuparem com o que pensam deles os seus adversários. Representante do grupo *Claridade*, referir-se-ia também a uma das ideias desse grupo, consubstanciada na publicação duma revista libertária, tam precisa nesta hora grave de agitação, e à qual todos devem prestar o seu concurso. Dava, portanto, a palavra ao conferente.

Cristiano Lima começa por se referir a um livro de Leão Daudet — *O estúpido século 19* — livro em que o seu autor, revelando os instintos de monárquico feroz e reaccionário, condena abertamente esse século. E porquê? O século 19 desenvolveu, dum modo assombroso, as ideias de renovação social e de emancipação dos povos famintos. Simultaneamente definiu, duma maneira que não admite dúvidas, todo o valor moral, científico e filosófico do ideal anarquista. E Leão Daudet, sendo um monárquico que manda e que orienta — que paradoxo! — a França republicana, não pode conceber a emancipação dos trabalhadores! E, de aí o seu livro que não tem razão de ser numa época em que o pensamento humano atingiu os mais altos vãos. E, de aí, a necessidade que existe de combater todos os indivíduos como Leão Daudet, opondo argumento a argumento, razão a razão, ideia a ideia.

Analiza, depois, o papel das

diferentes ditaduras que teem pesado sobre a humanidade que trabalha, afirmando que, sendo a ditadura a antítese da liberdade, não pode ser defendida nem aceita pelos homens que pensam, pelos homens que sentem um vivo horror pelo exercício da autoridade. É que, para se ser ditador, basta confiar na força estúpida, na violência. A ideia, pura ou generosa, não entra nestes casos.

Referindo-se à guerra europeia diz que, por efeito dela, é que se encontra, hoje, muito generalizado o princípio da violência. Pois bem: as criaturas que não pensam, que não vêem, na sua frente, senão o valor da violência, entendem, na sua estreita mentalidade, que devemos pôr de parte todas as belas criações da humanidade, todas as conquistas morais, para nós dedicarmos exclusivamente ao culto da violência organizada. Não, não pode ser. A violência define, apenas, um estado de atraso dos povos. E nós devemos avançar e não retrogradar.

Aprecia, a seguir, a revolução russa, desfazendo o argumento imbecil daqueles que, sendo partidários dela, afirmam que os anarquistas a combatem encarniçadamente. Não é verdade. É preciso que se distingam as coisas: perante essa revolução — que foram os anarquistas de todo o mundo, os primeiros a saudá-la, mas a saudá-la com aquele entusiasmo que sempre os acompanha — há o combate e a crítica. O combate, fazem-lho as forças coligadas da reacção; a crítica fazemos-lha nós. E a prova de que criticamos, apenas, encontra-se no facto incontroverso de que, tendo sido perseguidos, encarcerados, torturados e fusilados muitos dos nossos camaradas, ainda dos nossos lábios não saiu uma palavra de condenação contra aquele grandioso movimento. Criticar, não é combater. A crítica é filha dum direito que assiste a todos os indivíduos, e muito especialmente àqueles que pensam na regeneração e na emancipação da humanidade. Logo, todos os indivíduos que nos veem dizer que os anarquistas combatem a revolução russa, e que, por isso, são contra-revolucionários, esses indivíduos mentem. Nós criticamos, porque temos, dentro de nós, verdadeiramente integridade, os princípios da beleza e de perfeição.

Refere-se, depois, ao papel

do partido comunista português, frisando que esse partido, sendo semelhante aos outros partidos políticos, ainda não teve a coragem moral de dizer que é um partido eleicoeiro. Na França, na Bélgica, na Alemanha, como em toda-a-parte, enfim, o partido comunista tem representantes seus nos parlamentos burgueses. Mas, como entre nós, a política está muito desacreditada, o partido comunista não quer dizer, desde já, que também quer fazer eleições, porque, se o dissesse, veria fugir-lhe muitos adeptos que, sendo comunistas, ainda conservam uma grande repulsa por essa tática. Primeiro, quer fazer pensar tudo pela bitola marxista e pela cabeça de Lênine, o que não é admissível. Depois, sim, depois...

Aludindo às teorias de Marx, garante que esse socialista nunca defendeu a ditadura férrea como aquela que defendem os comunistas de hoje, que, dizendo-se marxista, não são discípulos de Marx. Se o fossem, ingressariam no partido social-democrático.

Mostra, por fim, o grande desenvolvimento das ideias anarquistas nos diferentes países, traçando um belo quadro daquela peça de Octave Mirbeau, *Os Maus Pastores*, a qual, quando se representou pela primeira vez em França, foi como que uma bomba caída ao seio da sociedade burguesa, visto que resolvia nitidamente o problema social apresentado pelos anarquistas.

E depois de fazer uma bela evocação à anarquia, o conferente manifesta os desejos do grupo *Claridade*, que ali representa, e quais os fins que esse grupo tem em vista: a realização de conferências e palestras educativas, e a publicação, para já, duma revista libertária, etc. Para a consecução desta obra grandiosa, é que ele pede o concurso de todos os camaradas e de todos os amigos. Explicando minuciosamente o que será esse veículo orientador dos indivíduos — tam necessário nos tempos presentes, — termina a sua conferência, de que damos, apenas, um pálido resumo, por incitar os homens a ter fé no futuro, porque a Anarquia está viva, e cada vez se manifesta mais na alma daqueles que querem uma sociedade livre, sem preconceitos, sem amos nem senhores.

A assembleia dispensou-lhe uma calorosa salva de palmas, ficando muito bem impressionada com as palavras justas e sinceras do conferente.

* * *

Na sede deste Centro realizou-se no dia 18 do corrente, uma sessão de protesto contra a condenação à morte de Pedro Mateu e Nicolau Ford.

Pelas 21 horas e meia o camarada Zacarias de Lima abriu a sessão, expondo o que pretendia este Centro em realizar esta sessão, e dizendo que era seu desejo intensificar a propaganda para demonstrar a reacção espanhola, que o proletariado e homens de bem estão fortemente indignados contra a condenação de dois inocentes.

Usaram, depois, da palavra, verberando o procedimento inquisitorial da Espanha fradesca, os camaradas Carlos Silva, Serafim Lucena, Mário Ferreira e António de Carvalho, sendo, por fim, aprovada, a seguinte moção:

Considerando, que os trabalhadores de todo o mundo, bem como todos os indivíduos de sentimentos humanos não devem ficar indiferentes perante a monstruosidade que acaba de ser cometida na já conhecida e negregada Espanha;

Considerando, que há a necessidade de imediatamente agitar os povos no sentido de se erguer um enérgico e veemente protesto contra as execuções que se pretendem levar a efeito nessa nacionalidade;

Considerando, que tais execuções representam um ataque directo à vida humana e em especial à daqueles que teem a ombridade de prègar às multidões, espalhando a verdade;

Os trabalhadores e os homens de sentimentos do Pôrto, reunidos em sessão de protesto no Centro Comunista Libertário do Pôrto, resolvem:

1.º Protestar publicamente de maneira a que os dirigentes da negra Espanha, fiquem sabendo que o mundo culto e trabalhador não fica indiferente perante tamanha monstruosidade

2.º Nomear um comité pro-libertação de Pedro Mateu e Nicolau Ford.

3.º Realizar em diversas localidades, sessões de protesto e um comício público contra a negra Espanha, devendo este comício ser organizado pelo comité pro-libertação de Pedro Mateu e Nicolau Ford.

4.º Enviar aos trabalhadores Espanhóis, tam perseguidos neste momento por uma ditadura militarista, a nossa mais franca e incondicional solidariedade.

Solidariedade Pró Nunes Canha

Transporte.	851\$70
Pôrto:	
Saul de Sousa . . .	1\$00
Abercrave (Inglaterra):	
Grupo Ferrer . . .	20\$00
A transportar.	872\$70

O CONGRESSO INTERNACIONAL
ANARQUISTAESTÁ CONSTITUIDA A
UNIÃO ANARQUISTA
UNIVERSAL

Fixada a data de 8 de Outubro e dias seguintes para a realização, em Paris, do Congresso Internacional Anarquista, embora se tivessem adoptado todas as precauções, logo a policia francesa se poz em completa actividade.

Foram presos e expulsos os camaradas Bertoni, redactor de «Réveil» de Geneve, Bjorklund e Manus, respectivamente delegados suíço, sueco e norueguês, apesar de possuírem passaportes legais.

O que se passou com essas prisões é o que há de mais selvático e demonstra bem o estado de reacção que ora roge a França, — a França de 93, — a França dos direitos do homem.

No entanto os restantes delegados tomaram as necessárias precauções; e conquanto a policia os procrasse, o congresso effectou-se nos arredores da capital francesa.

Entre outros trabalhos tratados na importante assembleia e que o seu comité de iniciativa nos vai enviar, aprovaram-se os seguintes documentos:

«Os delegados de várias uniões anarquistas nacionais, reunidas em congresso internacional, em 8 de Outubro de 1923, em Paris, protestam contra a prisão e expulsão dos camaradas Bertoni, delegado suíço, Bjorklund, delegado sueco e Manus delegado norueguês, vindos a França munidos de passaportes regulares, confiantes na hospitalidade dum país que se diz republicano.

Consideram esta maneira brutal de proceder, como um indício de influencia fascista sobre o governo francês, o qual emprega os mesmos métodos das ditaduras reaccionárias de outros países.»

«Em vista das dificuldades encontradas em França, regime burguês, para assegurar aos delegados ao congresso internacional anarquista a segurança indispensável para se poder deliberar sobre os problemas internacionais e em vista da certeza dos órgãos do Partido Comunista que afirmam que semelhantes feitos se não praticam sob o regime da ditadura

do proletariado, os delegados ao congresso anarquista internacional de Paris, perguntam a I. S. V. e aos partidos comunistas de todos os países se eles tem a possibilidade de garantir do governo dos soviets a organização regular e a completa segurança dum próximo congresso internacional anarquista na Rússia, ao qual se devem deixar participar livremente os nossos camaradas anarquistas e anarco-sindicalistas expulsos da Rússia, ou presos pelo governo bolchevista em virtude das suas ideias e da sua actividade libertárias.»

Sobre a arbitrariedade da prisão e expulsão escreveu ao *Libertaire*, o camarada Bjorklund — «Como já sabem pelos jornais, eu e o camarada Ivenson-Manus acabamos de ser expulsos. Sexta-feira ainda cedo fui preso por seis agentes e conduzido à «Cité», onde me juntaram algumas horas mais tarde, o camarada Manus.

Agora vamos os dois para Bruxelas para depois seguirmos a viagem para a Suécia.

A respeito do tratamento na prisão (Dépôt) nada vos quero dizer; eu já estive preso na Austria, na Alemanha e na Suécia, mas nunca conheci um local mais repugnante do que a prisão francesa!

E' uma vergonha e uma barbaridade tratar os presos políticos desta maneira.»

DA MINHA TRIBUNA

A condenação de dois
inocentes...

A jurisdicção da Espanha sanguinária, acaba de praticar mais um tremendo crime que indigna e revolta todo o mundo culto: condenou à morte, sem provas, os supostos assassinos de Dato.

A pena de morte que, por anti-humana, não deve ser aplicada a criminosos confessos, foi aplicada, mais uma vez, na Espanha, a dois inocentes!...

Semelhante monstruosidade reclama uma repulsa e exige o protesto de todos os homens de coração!...

Urge, portanto, que todos os espíritos justos se levantem num formidável protesto e façam sentir a grande indignação e a grande revolta que lhes causa o tremendo crime. Porque é preciso salvar-se as vítimas da ferocidade jesuítica. E' preciso que todo o mundo culto cumpra com o seu dever, empregando todos os esforços nesse sentido.

Invadido por uma grande indignação e uma grande revolta, ergo o meu veemente protesto contra esse crime, praticado friamente, e sem o menor respeito pelos altos princípios humanos.

Não se pode admitir em silêncio que, à sombra da lei que garante a mais segura impunidade aos *enlucados* carrascos do povo, se pratiquem tam monstruosos crimes, unicamente para satisfação dos *senhores* do capital e do mando!

Sim! unicamente para satisfação dos *senhores* do capital e do mando! Porque, Pedro Mateu e Luis Nicolau, foram condenados à pena máxima, num odioso tribunal, sem ter sido provado o crime de que eram acusados!

O crime que os fanáticos juizes do tribunal de Madrid acabam de praticar, condenando à morte, sem provas, os supostos assassinos de Dato, é mais uma enorme mancha, lançada nesta falsa civilização que nos envergonha.

¿Quem não se revolta contra o crime praticado a sangue frio?

Pois a condenação à morte de Mateu e de Nicolau é um crime praticado nessas condições!

Portanto, em nome dos altos princípios humanos, todo o

mundo culto se deve levantar num urgente e formidável protesto contra a condenação à morte de Pedro Mateu e Luis Nicolau, empregando todos os esforços para salvar estas vítimas da ferocidade juridica espanhola!

M. C. MACHADO.

Vida Anarquista

União A. Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

Na sua última reunião tratou de diversos assuntos importantes e resolveu enviar ao Presidente do Director Militar de Espanha um protesto do seguinte teor:

«A União Anarquista Portuguesa, constituida para a propaganda anarquista e dar combate a toda a autoridade estabelecida, comunica ao Governo Espanhol o seu protesto categorico contra a condenação à morte de Pedro Mateu e Luis Nicolau, apesar de se demonstrar a inculpabilidade dos nossos camaradas no atentado que justicou D. Eduardo Dato. Igualmente, comunica ao Governo Espanhol a sua firme decisão de tomar parte activa no protesto internacional contra a bárbara e desumana sentença de morte, e bem assim contra todos os actos ditatoriais que obstem à liberdade do indivíduo em Espanha.»

O Comité Nacional exorta todos os federados a promoverem agitação em favor dos nossos camaradas, vítimas da vaga reaccionária que, presentemente, assola todo o Universo.

A imprensa anarquista e revolucionária internacional, pede-se um exemplar das suas publicações.

Dirigir correspondência a J. Pires de Matos, travessa Agua da Flôr, 16, 1.º — Lisboa (Portugal).



 Vende-se.
 pelo maior lanceo
O Vegetariano
 mensário naturista ilustrado,
 do Pôrto,
 EM ESTADO DE-NOVO
 Otto volumes,
 constituídos
 por 94 livros
 (de Março de 1911 :: ::
 :: a Dezembro de 1918)
**O produto reperte a
 favor da COMUNA**
 Propostas, dirigidas ao
 APARTADO, 17 — Pôrto

O VEGETARIANO



CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA — José Francisco Pires.
 Indica a tua nova morada.
 — Manuel Luis Ferreira Júnior.
 Manda a nova morada.

A greve dos Mineiros de S. Pedro da Cova

Apesar dos manhosos trucs engendrados pela Companhia, à frente da qual se encontram actualmente o *celeberrimo* Severiano da Carris, o jesuita Torcato e o *sucia...lista* Gonçalves de Oliveira, continua indefectível este grandioso movimento, acentuando-se cada vez mais a revolta dos operários contra os seus exploradores.

Nem as arremetidas quixotescas dos nababos que impediram nas minas de S. Pedro da Cova; nem as infames baboseiras cuspidas pelo Abade da mesma freguesia, no próprio *templo de Deus*—aconselhando os operários a retomarem o trabalho e não consentirem que os seus filhos viessem para o Pôrto colher a solidariedade dos camaradas desta cidade porque, dizia o abade, *seriam derretidos*, —nem a cúmplice atitude das autoridades locais que, como sempre estão ao lado da Companhia; nem a sinistra acção desenvolvida pelo sabujo da Companhia Miguel Bota que tem procurado os mais ardilosos meios de furar a greve para *abichar* os famosos 50 contos prometidos pela Companhia, tem sido o bastante para que haja defecções.

Os operários mineiros cada vez se encontram mais firmes na luta que encetaram.

Bastante tem contribuído para isso a valiosa solidariedade da Organização Operária, entusiasticamente demonstrada pelo acolhimento feito às crianças dos mineiros, e que, seqüentemente continuou a afirmar-se no auxílio material prestado para a manutenção das cozinhas comunistas, sendo de crer que essa solidariedade vá até onde as circunstâncias o exigirem para que o triunfo dos mineiros de S. Pedro da Cova seja um facto.

Incitando os operários mineiros a continuar na luta, até que justiça lhes seja feita, enviamos-lhes as nossas saudações, com o desejo duma completa vitória.

A' última hora

Ao fecharmos o jornal, chegou ao nosso conhecimento que as autoridades locais, obedecendo às imposições da exploradora Companhia, acabam de praticar mais um monstruoso crime, mandando encerrar a Associação dos Operários Mineiros, assim como a cozinha comunista e ainda as casas comerciais que forneciam géneros para a cozinha!

Como isto porêem ainda parecesse pouco, cercou também a casa de diversos operários, prendendo 7 camaradas, e, parece que com a disposição de levar mais longe as suas perseguições.

Contra mais êste acto de banditismo delineado pela sinistra companhia Severianos, Torcatôs etc., e friamente executado pelas autoridades, nós desde já lavramos o nosso enérgico protesto.

Em face do exposto a U. S. O. imediatamente fez distribuir um vibrante manifesto em que se salienta esta enorme violência e se apela para a solidariedade dos trabalhadores do Pôrto afim de obstar a que vá por diante o maquiévêlico plano da Companhia Mineira de parceria com as autoridades.

E' de prevêr que o operariado do Pôrto, e se tanto fôr preciso, de todo o país, considerando o interêsse que tem para a organização operária os acontecimentos desenrolados em S. Pedro da Cova, saiba responder duma forma enérgica e rápida, à atitude assumida pelas autoridades locais que, tendo o dever de solucionar o conflito, mais o vieram agravar.

Assim o esperamos.

A "boa" organização

Em Glasgow, terra de muitas libras e de muitos parasitas, há, actualmente, 75.475 operários sem trabalho! Chama-se a isto, a infâmia das infâmias: homens a morrer à fome, enquanto outros arrebetam de indignação...

Publicações

Da Biblioteca Argonauta, de Buenos Aires, acabamos de receber os seguintes volumes: *O Congresso Bolonha de promovido pela U. A. Italiana*; *¿Soviet ou Ditadura?*, *Artistas e Rebeldes*, e *Bolxevismo e Anarquismo*, por Rodolfo Rocker; *A Caminho duma Sociedade de Produtores*; *Páginas de luta cotidiana*, por E. Malatesta; *A Crise do Anarquismo e Ditadura e Revolução*, por Luis Fabbri.

De Gonçalves Corrêa, de Beja, recebemos um exemplar dum volumezinho que tem por título — *A felicidade de todos os séres na Sociedade futura* (Preço \$50).

Agradecendo o envio dos volumes, brevemente nos referiremos a êles.

Recebemos, também, o n.º 10, da *Revista Blanca*, correspondente a 15 do corrente. O sumário é como segue: *O Elxo da vida e do ideal*; *Epicurismo e idealismo*; *Formas primitivas da propriedade*; *Falemos da mulher*; *As confusões socialistas contemporâneas*; *A obra da humanidade: o vapor*; *As modernas práticas da vida*; *A arte literária francesa*; *O processo de Mysckine*; *As vidas agitadas*; *Brissot de Warville*; *Mirabeau e a Revolução*; *Rodando pelo mundo: Hipatia*; *O último Quixote* (novela); *Da controversia*; *As grandes internacionais*; *Notas e Avisos*; *Notas administrativas*.

O preço de cada exemplar é de 0,50 p.tas (2\$00). E os pedidos, acompanhados da respectiva importância, podem ser feitos à administração da *Revista Blanca*, San Martin, 3, Sardañola, Barcelona.

A Nortada

Com êste titulo, começou a publicar-se, nesta cidade, tendo a sua redacção na Rua do Sol, 124,—um semanário que se propõe atacar de frente as grandes immoralidades que se cometem à sombra da República. Conquanto a sua orientação seja retintamente republicana, propugnando pela defesa da Democracia, não descurará os problemas que mais agitam a opinião pública, como se vê dêste primeiro número, onde Cristiano de Carvalho publica duas boas coisas. O resto da colaboração, interessantíssima, ficando nós a saber umas coisas duns certos cavalheiros, que se nos afiguravam milagres...

Longa vida; e vamos permutar.

Lira popular

«O' mineiro, meu irmão,
Tua vida é um calvário...
Tú arrancas o carvão,
Para dar ao milionário!»

A densa treva que existe
No cérbro de muita gente,
Eis a prova concludente
Que inda não te redimiste.
O direito que te assiste,
Que está dentro da razão
De reclamares mais pão
Não te pode ser negado,
Pois és um martirizado,
O' mineiro, meu irmão.

Tira dos olhos a vênua
Que te querem amarrar.
Tú deves-te libertar
Dessa apatia tremenda.
Raia ao longe a nova senda
Que extermina o teu fadário;
Tú que ganhas um salário
Infame, — que desprimor! —
P'ra enriqueceres o «Senhor»
Tua vida é um calvário...

Repara nos de Aljustrel
Que fizeram obra nova.
E os de S. Pedro da Cova
Que grande foi seu papel!
E's demasiado fiel
Ao bestunto, do Patrão:
Leva-te à degradação,
Na mina te rivaliza —
Ele arranca-te a camisa,
Tú arrancas o carvão.

P'ra te expandires à vontade
Contra o negro patronato,
Vai para o teu Sindicato
Onde há Solidariedade.
Ali terás a ombridade
De atacar o mercenário,
Que à custa do proletário
Vive!... E à miséria reduz,
Quem tantos milhões produz
Para dar ao milionário!...

Pôrto, 18-X-923.

JOAQUIM TEIXEIRA.

*Elevar operários ao poder!...
Tem graça! Assim como sobre os degraus do trôno os cortesãos são mais rialistas do que o rei, assim sobre os degraus da autoridade oficial ou legal os operários são mais burgueses do que os próprios burgueses...*

J. DÉJACQUES.